

## LAMENTOS: IDEOLOGIA E IDENTIDADE NACIONAL NA LUSOFONIA ANGOLA E BRASIL

Patrícia MAFRA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Busca-se, por meio deste artigo, refletir sobre o conceito de lusofonia, sobre questões identitárias e ideologia. No que diz respeito à lusofonia, de acordo com Bastos e Brito (2017), podemos definir como um conjunto de sujeitos que utilizam a língua portuguesa para a comunicação e que apresentam, assim, aspectos que evidenciam uma formação social europeia/portuguesa, fundadora de toda uma cultura que se apresenta tecida pela interculturalidade e mesclada em sua multiculturalidade. Dessa forma, elementos que definem a identidade nacional na lusofonia, especificamente, nas nações de Angola e do Brasil, serão analisados, a fim de responder aos seguintes questionamentos: As ideologias marcadas nos textos expressam a opressão do colonizador? Há marcas de identidade nacional nas canções analisadas? Para tanto, haverá a análise de duas canções que expressam lamentos nos países lusófonos Angola e Brasil sendo: *Monangambé*, de Angola, letra de António Jacinto e música de Rui Mingas, de 1962 e *O lamento da lavadeira*, do Brasil, de Monsueto Campos Menezes, em parceria com Nilo Chagas e João Violão, em 1956. Ambas as canções são marcadas por contextos sócio-histórico-políticos semelhantes, apesar de Angola ainda pertencer a um processo de colonização tardio e o Brasil estar independente da colônia há mais de 130 anos. Há a consideração, de acordo com Pêcheux (1990), que a produção e interpretação dos discursos são influenciadas por representações dos lugares dos interlocutores e dos pontos de vista sobre os temas que esses lugares permitem que os participantes da interação assumam. Para tanto utilizaremos a teorias da Análise do Discurso de linha francesa nos pressupostos teóricos de Pêcheux (1990), no que diz respeito à ideologia, e Historiografia Linguística e Lusofonia em questões culturais e identitárias nos estudos de Bastos e Brito (2017), Bauman (2005) e Hall (2015).

**PALAVRAS-CHAVE:** Canções de lamento. Lusofonia. Identidade nacional. Ideologia.

## LAMENTS: IDEOLOGY AND NATIONAL IDENTITY IN LUSOPHONY ANGOLA AND BRAZIL

**ABSTRACT:** This article seeks to reflect on the Lusophony concept, identity issues and ideology. With regard to lusophony, according to Bastos and Brito (2017), we can define as a set of subjects who use the Portuguese language for communication and thus present aspects that evidence a European / Portuguese social formation, founder of every culture that presents itself woven by interculturality and mixed in its multiculturality. Therefore, elements that define the national identity in Lusophony, specifically in the nations of Angola and Brazil, will be analyzed in order to answer the following questions: Do the ideologies marked in the texts express the oppression of the colonizer? Are there national identity marks in the analyzed songs? To this end, there will be an analysis of two songs that express lamentations in the Lusophone countries Angola and Brazil: *Monangambé*, from Angola, lyrics by António Jacinto and music by Rui Mingas, from 1962, and *O Lamento da Lavadeira*, from Brazil, from Monsueto Campos Menezes in

1 Doutoranda em Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Mestra em Língua Portuguesa (2009), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – *Campus* São Paulo. Endereço eletrônico: < mafrapat07@gmail.com >.

partnership with Nilo Chagas and João Violão, in 1956. Both songs are marked by similar socio-historical-political contexts, although Angola still belongs to a late colonization process and Brazil has been independent of the colony for over 130 years. It is considered, according to Pêcheux (1990), that the production and interpretation of discourses are influenced by representations of the interlocutors' places and of the points of view on the themes that these places allow the participants of the interaction to assume. For this we will use the theories of French Discourse Analysis in the theoretical assumptions of Pêcheux (1990), with regard to ideology, and Linguistic Historiography and Lusophony in cultural and identity issues in the studies of Bastos and Brito (2017), Bauman (2005) and Hall (2015).

**KEYWORDS:** Songs of Lamentation. Lusophony National Identity. Ideology.

## JUSTIFICATIVA

A temática deste trabalho insere-se nos estudos de Bastos e Brito (2017), Bauman (2005) e Hall (2015) que tratam das questões da historiografia linguística e questões culturais e identitárias da Língua Portuguesa em países lusófonos – Angola e Brasil. Além disso, há a observação da teoria da análise do discurso de linha francesa, nos pressupostos teóricos de Pêcheux (1991). Dessa forma, visa buscar marcas da identidade nacional dos países lusófonos Angola e Brasil e descrever e analisar as ideologias em duas canções que expressam lamentos dos países lusófonos Angola e Brasil sendo: *Monangambé*, de Angola, letra de António Jacinto e música de Rui Mingas, de 1962 e *Lamento da lavadeira*, do Brasil, de Monsueto Campos Menezes em parceria com Nilo Chagas e João Violão, de 1956. Ambas as canções são marcadas por contextos sócio-histórico-políticos semelhantes, apesar de Angola ainda pertencer a um processo de colonização tardio e o Brasil estar independente da colônia há mais de 130 anos.

Ao analisarmos a constituição da identidade nacional nas canções de lamento elencadas, haverá a reflexão acerca das formações discursivas que constituem os lamentos que materializam as ideologias correspondentes à identidade nacional de Angola e do Brasil. De acordo com Malidier (2003, p.15), explicitando a teoria de Pêcheux (1990), sentido e sujeito são produzidos na história, ou seja, são determinados.

Dessa forma, a análise das canções lusófonas que abordam lamentos referentes a temas que expressam os processos de formação de identidade nacional de países colonizados por Portugal evidencia, de acordo com Malidier, em uma linguagem estritamente althusseriana, o seguinte:

(...) ele (o interdiscurso) é “o todo complexo, a dominante” das formações discursivas, intrincadas no complexo das formações ideológicas, e submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação”. Em outros termos, o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição. (MALDIDIER, 2003, p. 51).

Salientamos que, de acordo com Pêcheux (1990), a produção e interpretação dos discursos são influenciadas por representações dos lugares dos interlocutores e dos pontos de vista sobre os temas que esses lugares permitem que os participantes da interação assumam. Se ignorado o contexto, o sentido do texto será alterado. Dessa forma, é importante evidenciar que a canção *Monangambé* – de Angola, relata a rotina de angolanos negros contratados para trabalhar nas roças dos brancos, na era colonial. Por vezes, em províncias de Angola bem distantes dos locais onde viviam. Os contratados deixavam as famílias para trás e iam ganhar a vida. Já a canção *O lamento da lavadeira* – do Brasil, evidencia a vida difícil das lavadeiras que lavavam roupas para senhoras da alta sociedade, mostrando o cotidiano difícil de trabalho e a saga dessas mulheres.

As canções de lamento são apresentadas por meio da Língua Portuguesa em Angola e no Brasil, nações que se caracterizam como lusófonas.

## LUSOFONIA

A lusofonia é o espaço dos que falam o português. Tendo a língua uma função simbólica e um papel político, a lusofonia tem que ser analisada como um espaço simbólico e político, em outras palavras, pode ser definida, de acordo com Bastos:

como conjunto de todos os sujeitos que utilizam a Língua Portuguesa e que apresentam aspectos reveladores de uma formação social europeia/portuguesa, fundadora de toda uma cultura que se apresenta mesclada em sua multiculturalidade. (BASTOS, 2015, p. 263).

A cultura faz parte dos homens, dessa forma, o imaginário lusófono pode ser considerado da pluralidade e diferença. De acordo com Martins (2012), o espaço cultural da lusofonia é plural e fragmentado, com uma memória igualmente plural e fragmentada. A ideia de identidade, implícita no ato de se falar a mesma língua, não dispensa a consideração de realidades

nacionais multiculturais nos mais variados lugares do mundo. Podemos destacar o sentido geopolítico do termo que engloba um conjunto de países e de povos cuja língua materna, corrente ou oficial, é o português. Sobre essas localizações Brito afirma:

É, pois, num contexto geograficamente disperso, naturalmente multicultural, de sistemas linguísticos vários e de diferentes normas do português, que é possível pensar a língua a identidade lusófonas. A lusofonia encontra legitimação somente quando a entendemos múltipla e quando nela distintas vozes são reconhecidas e respeitadas. (BRITO e MARTINS, 2005, p. 642).

A Língua Portuguesa, mesmo independente do contexto lusófono, apresentará uma variação dessa forma, sua descrição em contextos específicos deve compreender os elementos particulares que a caracterizam, respeitando as individualidades, os valores diferentes, a especificidade cultural e a peculiar visão de mundo. De acordo com Brito (2016), a cada variedade do português é evidenciada uma comunidade que, por um viés, define e constrói a sua própria identidade e, por outro, é parte do imenso mosaico, que constitui o sistema linguístico português.

## **IDENTIDADE NACIONAL**

Identidade nacional é uma criação moderna, pois desenvolveu-se plenamente no século XIX, de forma que, até então, o que imperava era o sentimento de dinastia. De acordo com Fiorin (2010), a nacionalidade é uma identidade, já que pode ser conceituada como uma herança simbólica e material, dessa forma, pertencer a uma nação é ser um herdeiro desse patrimônio comum, reconhecê-lo e reverenciá-lo.

Considerando que uma nação deva ser constituída por um conjunto de elementos simbólicos e materiais – uma história, uma língua –, podemos afirmar que a identidade nacional surge da representação de uma ficção sendo produzida a partir da adesão coletiva a essa narrativa, assim, entendemos que a identidade nacional é composta de traços comuns a comunidades que têm outras identidades, sendo considerada superior às outras determinações identitárias.

Entendemos que é necessário evidenciar que Hall discorre acerca das principais mudanças na forma pela qual o sujeito e identidade são conceitualizados no pensamento

moderno, já que o recorte da análise dos *corpora* do artigo parte da concepção da sociedade moderna.

É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de *individualismo*, no centro da qual se erigiu uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isso não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto “vívida” quanto “conceitualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto à mudanças fundamentais. (HALL, 2015, p. 17).

Ainda de acordo com Hall (2015), podemos definir dois tipos de sociedade. A tradicional sendo o passado venerado e os símbolos valorizados porque perpetuam a experiência de gerações. A tradição induz na experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro que é concretizada por meio de ações sociais recorrentes. Já a sociedade moderna não é definida como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida, sendo reformulada.

Muitos movimentos importantes no pensamento e na cultura ocidentais contribuíram para a emergência da concepção de sociedade moderna. Dentre outros exemplos, Hall cita o seguinte a respeito do pensamento do filósofo francês René Descartes:

No centro da mente ele colocou o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar “*Cogito, ergo, sum*” eram as palavras de ordem de Descartes: “*Penso, logo existo*” (ênfase minha). Desde então a concepção do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, tem sido conhecida como o “sujeito cartesiano”. (HALL, 2015, p. 19).

À medida que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriram uma forma mais coletiva e social, reguladas, também, pela ideologia da economia política, da propriedade, do contrato e da troca, e atuavam, depois da industrialização, entre as grandes formações de classes do capitalismo moderno.

## IDEOLOGIA

O termo ideologia será abordado neste artigo, já que o julgamos necessário para uma compreensão mais profunda sobre a intenção dos enunciadores das canções de lamento analisadas, em relação à ideologia sobre o viver em um mundo coletivo e o agir numa coletividade marcada por várias forças e de diferentes fontes de identidade cultural.

Bakhtin (1997) constrói o conceito de ideologia no movimento sempre se dando entre a estabilidade e a instabilidade, ou seja, na concretude dos acontecimentos. A partida para essa afirmação foi o *marxismo* oficial – entendimento da ideologia como “falsa consciência” e, nesse sentido, destrói e reconstrói parte dessa concepção colocando ao lado da ideologia oficial a ideologia do cotidiano, sendo a primeira estável e a segunda instável, ambas formando o contexto ideológico completo e único, relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção. É possível, então, caracterizar a ideologia de acordo com Bakhtin (1997) como a expressão, a organização e a regulação das relações históricos-materiais dos homens. Sobre essa questão Albuquerque coloca o seguinte:

o valor da força de trabalho não é determinado quantitativamente (em número de calorias, por ex.) mas quantitativamente, como resultado de conquistas históricas dos trabalhadores e, por outro lado a *qualificação* da força de trabalho é condição necessária à reprodução de forças produtivas: “O desenvolvimento das forças produtivas e o tipo de unidade historicamente constitutivo das forças produtivas num momento dado produzem esse resultado de que a força de trabalho deve ser (diversamente) qualificada e reproduzida como tal. (grifo do autor) (ALBUQUERQUE apud ALTHUSSER, 1985, p. 9).

Ainda sob a perspectiva bakhtiniana, o conjunto de signos de um determinado grupo social é denominado universo de signos que possui uma dupla materialidade: no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico. No segundo recebe um “ponto de vista”, já que representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má. Esse movimento faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. Na interação incessante realizada nos grupos sociais organizados se dá a materialização do fenômeno ideológico. Althusser sobre a existência material da ideologia evidencia:

Um indivíduo crê me Deus, ou no Dever, ou na Justiça etc. Esta crença provém (para todo o mundo, isto é, para todos que vivem na representação ideológica da ideologia, por definição, às ideias dotadas de existência espiritual) das ideias do dito indivíduo enquanto sujeito possuidor de uma consciência na qual estão as ideias de sua crença. A partir disso, isto é, do dispositivo “conceitual” perfeitamente ideológico, assim estabelecido (um sujeito dotado de uma consciência onde livremente ele formula as ideias em que crê), o comportamento material do dito indivíduo ocorre naturalmente. (ALTHUSSER, 1985, p. 90).

Finalizando, com foco na análise das canções lusófonas, de acordo com Pêcheux, o discurso é implicitamente assimilado a uma prática específica, requerida pelas forças sociais e sempre realizado por meio de um aparelho. Fechamos o item com o recorte de Althusser que discorre sobre o funcionamento da ideologia a saber:

Sugerimos, então, que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que ela “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos), através dessa operação muito precisa que chamamos *interpelação*, que pode ser entendida como tipo mais banal de interpelação policial. . (ALTHUSSER, 1985, p. 96).

## **ANÁLISE DOS CORPORA**

A canção “*Monangambé*” – um poema angolano mostra a intenção de luta para garantir a manutenção e a melhora da situação social e econômica dos angolanos. Na letra, há o relato da rotina dos negros contratados para trabalhar nas roças dos brancos, na era colonial.

### *Monangambé*

Naquela roça grande  
não tem chuva  
é o suor do meu rosto  
que rega as plantações;

Naquela roça grande  
tem café maduro  
e aquele vermelho-cereja  
são gotas do meu sangue  
feitas seiva.

O café vai ser torrado  
pisado,

*Revista Metalinguagens*, v. 6, n. 1, pp. 96-108. Patrícia **MAFRA**.

torturado,  
vai ficar negro,  
negro da cor do contratado.

Negro da cor do contratado!

Perguntem às aves que cantam,  
aos regatos de alegre serpentear  
e ao vento forte do sertão:

Quem se levanta cedo?  
quem vai à tonga?  
Quem traz pela estrada longa  
a tipóia ou o cacho de dendém?  
peixe podre,  
panos ruins,  
cinquenta angolares  
“porrada se refilares”?  
Quem capina  
e em paga recebe desdém  
fubá podre,  
peixe podre,  
panos ruins,  
cinquenta angolares  
“porrada se refilares”?  
Quem?

Quem faz o milho crescer  
e os laranjais florescer?  
– Quem?

Quem dá dinheiro para o patrão comprar  
máquinas,  
carros,  
senhoras  
e cabeças de pretos para os motores?  
Quem faz o branco prosperar,  
ter barriga grande  
– ter dinheiro?  
– Quem?

E as aves que cantam,  
os regatos de alegre serpentear  
e o vento forte do sertão  
responderão:  
– “Monangambééé...”

Ah! Deixem-me ao menos  
subir às palmeiras



Deixem-me beber maruvo  
e esquecer  
diluído nas minhas bebedeiras.  
(António Jacinto e Rui Mingas, de 1962)

A canção “*O lamento da lavadeira*” – do Brasil, evidencia a vida difícil das lavadeiras que lavavam roupa para senhoras da alta sociedade, mostrando o cotidiano difícil de trabalho e a saga dessas mulheres. Monsueto exprime, em parceria com Nilo Chagas e João Violão, a preocupação com aspectos mais concretos e menos intimistas da realidade, como as desigualdades sociais.

A letra da canção apresenta um carácter mais extenso e narrativo, contrariando a regra seguida até o momento, e transparece certa conformação com o estado servil, mesmo na queixa. O protesto e a crítica social estavam presentes em todos os segmentos da arte: cinema, teatro, artes visuais, literatura, música, sendo dispersas à força de polícia. Também representavam, muitas vezes, o espaço urbano ou rural e a classe operária.

*O Lamento da Lavadeira*

Ô, dona Maria!  
Olha a roupa, dona Maria  
Ai, meu deus!  
Tomara que não me farte água!  
Sabão, um pedacinho assim...  
A água, um pinguinho assim...  
O tanque, um tanquinho assim...  
A roupa, um montão assim...  
Para lavar a roupa da minha sinhá...  
Para lavar a roupa da minha sinhá...  
Quintal, um quintalzinho assim...  
A corda, uma cordinha assim...  
O sol, um solzinho assim...  
A roupa, um montão assim...  
Para secar a roupa da minha sinhá...  
Para secar a roupa da minha sinhá...  
A sala, uma salinha assim...  
A mesa, uma mesinha assim...  
O ferro, um ferrinho assim...  
A roupa, um montão assim...  
Para passar a roupa da minha sinhá...  
Para passar a roupa da minha sinhá...  
Trabalho, um tantão assim...  
Cansaço, é bastante sim...  
A roupa, um montão assim

Dinheiro, um tiquinho assim...  
Para lavar a roupa da minha sinhá  
Para lavar a roupa da minha sinhá  
(Monsueto Campos Menezes, Nilo Chagas e João Violão, 1956).

Segundo Maia (2009), podemos, em certo sentido, falar de uma referência a uma noção interpretativa, pois a identidade designa algo como uma compreensão de quem somos, nossas características definitórias fundamentais como seres humanos. Em outras palavras:

Trata-se de uma reflexão que lida com um problema relativo à autopercepção de um grupo acerca de si mesmo, de sua história, de seu destino e de suas possibilidades, enraizada necessariamente num certo horizonte valorativo e referida a uma determinada forma de vida. Logo, uma abordagem hermenêutica se impõe. (MAIA, 2009, p. 93).

Dessa forma, podemos considerar que há uma construção de identidade interpretativa, tanto na canção de lamento de Angola, quanto na do Brasil. No entanto, as identidades não têm o caráter exclusivamente construído, mas também repousam sobre um suporte “físico-geográfico” e “histórico e político”, ou seja, a duração da autonomia política e a continuidade do território são fatores importantes para a solidez e o aprofundamento da identidade nacional.

Sobre a identidade nacional angolana, podemos afirmar que houve uma manifestação identitária dos “filhos da terra” – grupos intermediários entre colonos portugueses e os povos angolanos, já que, estimulado por um desenvolvimento industrial intenso na Europa, Portugal decide intensificar sua presença em Angola. As tropas portuguesas, os missionários e os comerciantes avançaram sobre o interior de Angola e dominaram gradativamente todo o território.

A identidade nacional angolana foi forjada com base na imagem de resistência do povo ao colonialismo, contudo, como estabelece Henrique Pinto:

(...) os filhos da terra não se posicionavam, em geral, contrariamente, ao colonialismo português, mas lutavam para garantir a manutenção e a melhora de sua situação social e econômica. Portanto, enquadrar esta elite intelectual como um grupo resistente ao colonialismo é, no mínimo inadequado, visto que não se pretendia lutar pelo rompimento da metrópole. (PINTO, 2016, p. 33).

Com a intensificação do domínio português na colônia no século XX, foi criado o imposto indígena em 1906 – taxa cobrada em decorrência da ação civilizatória empreendida pelo governo português em Angola. Esse imposto buscava mobilizar cada vez mais a mão de obra local. Na década de 1930, o trabalho forçado foi rebatizado de trabalho por contrato. Esse recorte explica o contexto da canção de lamento *Monangambé*, pois a cobrança desse imposto vigorou durante todo o período colonial de Angola.

No caso da formação social brasileira, em primeiro lugar é necessário considerar que um país com grandes dimensões, marcado com diferenças regionais gritantes e com níveis de exclusão social inaceitáveis, há esforços para a manutenção e criação de valores compartilhados que motivam o engajamento cívico e uma intenção de que haja uma realocação de recursos a partir de interesses gerais republicanos. Ainda, no tocante às reivindicações minoritárias Maia afirma o seguinte:

(...) A respeito da retomada de um questionamento da identidade nacional brasileira, cabe destacar que ela tem que ser feita a partir de uma apropriação crítica do nosso passado, sem cair nos lugares-comuns, usuais nessa discussão, nem adotar bandeiras ufanistas. Entretanto, ela se afastará radicalmente de certos discursos de miserabilismo fatalista e vislumbra o papel do Brasil distante de uma posição de subalternização política. (MAIA, 2009, p. 99).

## CONCLUSÃO

Ao discutir sobre as questões de identidade nacional, é necessário o reconhecimento das objeções formuladas pelo pensamento de inspiração marxista. Maia corrobora:

*Grosso modo*, essa tradição caracterizada por seu universalismo, desqualifica reivindicações de natureza particularista somada ao fato de que as propostas nacionalistas, com seu esforço e vínculos identitários, em geral, se encontram defendidas por forças políticas conservadoras; além disso, os discursos fomentadores de identidade nacional apostam em um apelo à unidade da diversidade, obnubilando as diferenças, como as de classe, tão caras à compreensão marxista da dinâmica social e definidora do apelo político. (MAIA, 2009, p. 104).

Consideramos que as ideologias marcadas nas canções de lamento “*Monangambé*” e “*O lamento da lavadeira*” não expressam a opressão do colonizador, já que os discursos evidenciados tratam de apelos à melhoria da condição de classes específicas dos *contratados* e das *lavadeiras*,

representando o lamento de uma vida cotidiana de trabalho árduo, que tem, como resultado, o mínimo de valor financeiro, o que acentua a desigualdade social, seja em Angola – colônia – e, no Brasil – independente. Há marcas de identidade nacional nas canções, pois ao refletir que uma nação deva ser constituída por um conjunto de elementos simbólicos e materiais – uma história e uma língua –, no caso, a Língua Portuguesa, expõe discursos de sociedades modernas que se tornavam mais complexas e adquiriram uma forma mais coletiva e social, reguladas, também, pela ideologia da economia política, da propriedade, do contrato, da troca e atuavam, depois da industrialização, entre as grandes formações de classes do capitalismo moderno.

## REFERÊNCIAS

ARAKAKI, Nancy; BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. *Cultura, lusofonia e identidade: relações*. In: BRIDI, Marlise Vaz; BRITO, Regina Pires de; BASTOS, Neusa. (org.). *Múltiplos olhares sobre lusofonia: Brasil, Moçambique e Portugal*. São Paulo: Terracota, 2016, pp. 65-98.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; BRITO, Regina Pires de. *Formation of Lusophone subject: an analytic exercise in songs*. In *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online). v. 18. n. 1. Jan/abril São Paulo: Editora Mackenzie, 2016. ISSN 1980-6914 – pp.114 a 126, jan./abr. 2016. <<http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n1>. pp. 114-126>.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira; BRITO, Regina Pires de. *Língua Portuguesa e ensino: lusofonia em perspectiva historiográfica*. In *De volta ao futuro da língua portuguesa. Atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – 2017*. ESE

BASTOS, Neusa Maria Oliveira. “*Políticas Linguísticas no Âmbito da Lusofonia*”. In: MARTINS, Moisés de Lemos (Org.). *Lusofonia e Interculturalidade: Promessa e Travessia*. São Paulo: Húmus, 2015.

BRAIT, Beth (ORG.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRITO, Regina Pires de; MARTINS, Moisés de Lemos. “*Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português?*”. In: ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume III. 2005, pp. 642-648.

FIORIN, José Luiz. “*Língua Portuguesa, identidade nacional e lusofonia*”. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa: cultura e identidade nacional*. São Paulo: IP-PUC-SP; EDUC, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva. 12. ed. Rio de Janeiro : DP & A, 2015 (1991).

MAIA, Antonio Cavalcanti. “*Diversidade cultural, identidade nacional brasileira e os seus desafios contemporâneos*”. In: VIEIRA, Liszt (org.). *Identidade e Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso – (re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARTINS, Moisés de Lemos. “*Língua Portuguesa, Globalização e Lusofonia*”. In BASTOS, Neusa Maria Oliveira. (Org.) *Língua Portuguesa e Lusofonia*. São Paulo: EDUC – IP-PUC/SP, 2012.

PÊCHEUX, Michel. “*Delimitações, Inversões, Deslocamentos*”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 19. Campinas: Unicamp. 1990, pp. 7-24.

\_\_\_\_\_. “*Análise Automática do Discurso*” (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. pp. 59-158.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso*. Campinas: Pontes, 1988.

PINTO, João José Henrique. *A identidade nacional angolana-definição, construção e usos políticos*. (Dissertação). Mestrado em História Social. Universidade Federal Fluminense, 2016.

#### **Outras Fontes:**

<<http://jardimdedepedra.blogspot.com/2006/07/monangamb.html>>. Acesso em 02 de jun. de 2018

<<https://terradegigantes65.wordpress.com/2012/07/22/monsueto-cantando-o-lamento-das-lavadeiras/>>  
Acesso 18 de jun, de 2018.

<<http://culturabrasil.cmais.com.br/playlists/falando-alto-para-quem-quiser-entender>>. Acesso 02 de jun. de 2018.

<<http://www.esquinamusical.com.br/90-anos-de-monsueto-o-multimedia-da-decada-de-50/>>. Acesso 02 de jun. de 2018.

<<https://tuliovillaca.wordpress.com/2011/12/>>. Acesso 02 de jun. de 2018.

---

Envio: Outubro de 2019

Aceito: Novembro de 2019